

## **TRANSCRIÇÃO – HISTÓRIA ORAL (4º TRIMESTRE/2018)**

00:00:00 – 00:04:45

A Rádio Tupã, hoje Rádio Tupã, nasceu como Piratininga, Rádio Piratininga, em 1962. Eu estou na Rádio Tupã em dois programas: a Rotativa no Ar e no Primeiro Plano, desde junho de 1984. São 36 anos acompanhando a vida política, policial, geral da cidade. Fui antecedido por grandes nomes no programa Rotativa no Ar: Edson Joel, que ainda deixa saudade; Mário Mota, que hoje está na televisão em Florianópolis. As reportagens que eu peguei ao longo desse tempo foram várias, grandes reportagens. A propósito, 9 de setembro, 9 de setembro há 23 anos aconteceu, acredito eu, o maior acidente de Tupã, o maior acidente envolvendo Tupã, que foi o acidente com o ônibus da Oktoberfest. Aconteceu logo depois que uma eleição. Inclusive, o candidato a vice-prefeito derrotado naquelas eleições estava nessa viagem, e foram mais de 30 mortes. Comoveu a cidade! Comoveu a cidade e marcou a cidade. Por falar em eleição, eleição era diferente em rádio. Por que era diferente? A eleição... Imagina tudo no papel, tudo era contado em grandes mesas! Colhiam-se as urnas, levava-se para o ginásio de esportes, por exemplo, e lá eram contados os votos. Então, montavam, as rádios montavam grandes estruturas de cobertura. As grandes estruturas eram feitas e a gente narrava voto a voto, urna a urna. Envolveria um trabalho que começava, por exemplo, 8 horas da manhã e ia terminar meia-noite, quando não no dia seguinte. Bem diferente daquilo que é hoje, daquilo que nós vemos hoje. Fazer rádio era bem diferente. Gravador, para você ter uma ideia, era algo mastodonte. Quer dizer, parecia você transportar uma caixa. Por quê? Porque era uma caixa realmente, era uma caixa que pesava 10-15 kg, para você levar e fazer uma reportagem, gravar uma reportagem. Hoje a gente grava no próprio celular. Você não precisa nem mesmo se preocupar com a gravação, porque o som já do celular é bom, ainda mais se você colocar um microfone você consegue fazer do seu celular um estúdio de gravação. O rádio mudou muito. Apesar de que o rádio continua sendo o grande partícipe da vida de uma cidade, da comunidade. Isso por quê? Porque o rádio é um meio frio. O que é um meio frio? Meio frio é aquele que não exige a sua participação. A televisão, o

celular, a internet são meios quentes. Você é obrigado a parar e ficar vendo. Você tem que ver. E no rádio não. O rádio está ligado e você apenas ouve, apenas ouve e continua fazendo aquilo que você tem que fazer. Isso possibilita que ele seja ouvido nas mais diferentes circunstâncias. O rádio continua sendo presente na vida de todos nós, de todos nós. Eu acredito ainda que apesar de todas as dificuldades... Muda? Muda o meio, mas o rádio permanece. O que muda? Nós éramos AM, 1130, hoje somos 100,3. Já mudamos de frequência. Na Europa já não se usa mais a frequência FM, já se usa o digital. Já mudou. Nós estamos em permanente mudança, porque muita gente já sintoniza o rádio no próprio celular, em aplicativos. Se transformar em digital a coisa vai continuar no mesmo, porque ele, apesar de ser, ainda, de certa forma, analógico, ele já atinge meios digitais. Portanto, eu acredito ainda que tem um longo caminho no rádio. Nessas eleições, por exemplo, nós estamos vivendo o ano de 2020, temos eleições, temos a campanha política. O rádio é um dos grandes meios para atingir, principalmente, as comunidades. Não públicos específicos, porque públicos específicos nós já temos na internet, nas redes sociais, mas atingir a população de modo geral. Isso é o rádio que eu acredito.